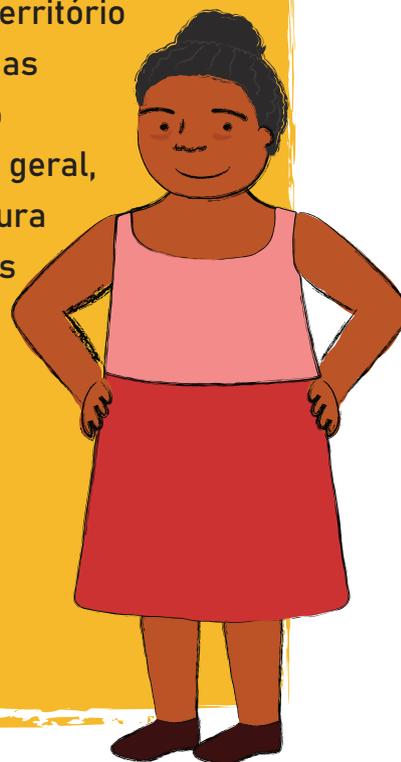


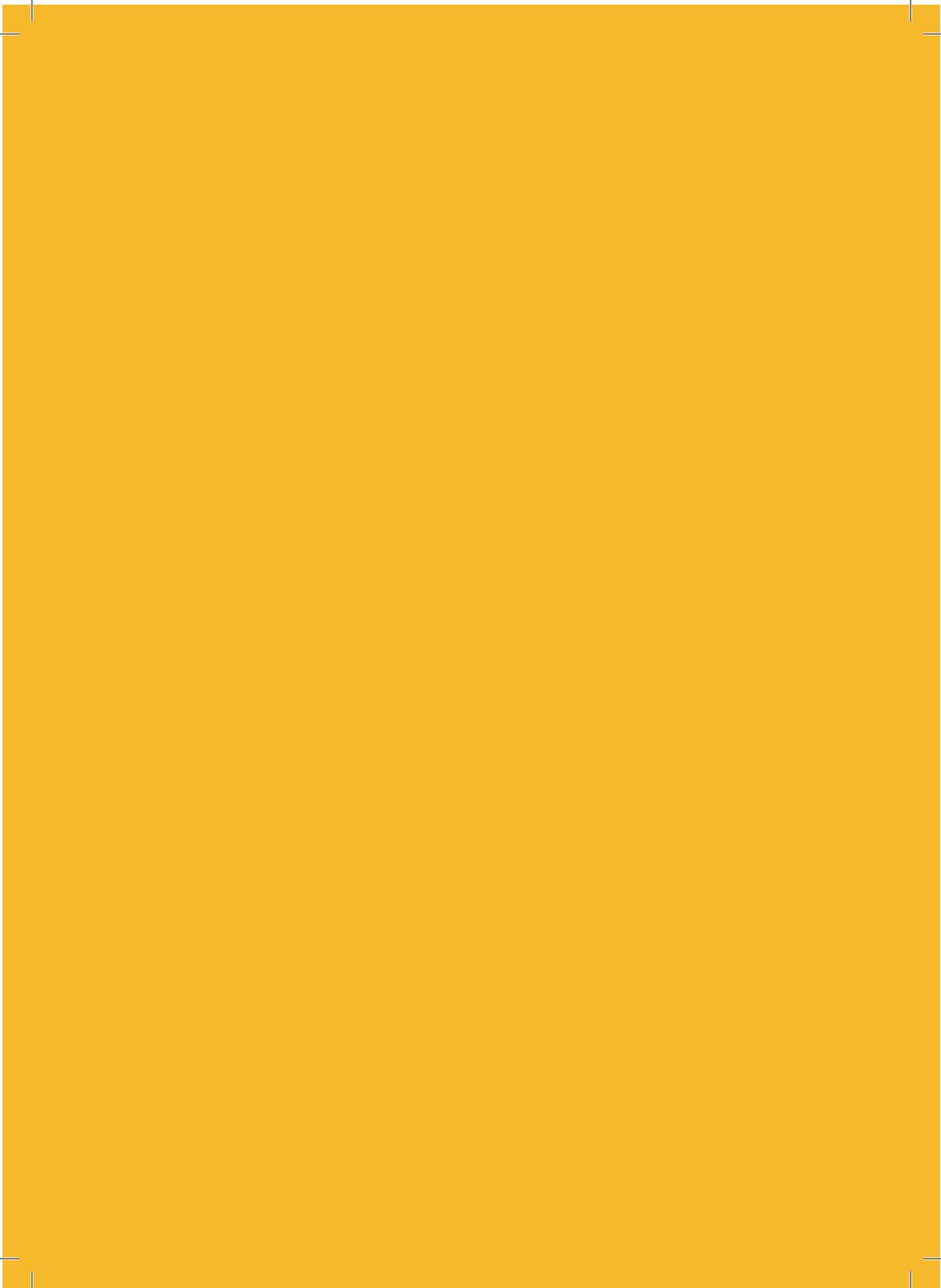
# Redes comunitárias, inclusão das mulheres e antirracismo

## como construir tecnologias para as transformações que queremos?

Redes comunitárias são redes locais de internet, telefonia celular ou rádio que podem conectar pessoas e equipamentos de uma mesma comunidade. Desenhadas a partir da realidade e das escolhas locais, elas podem ser uma solução para as comunicações e para a conexão de um território e, em muitos casos, as redes comunitárias ajudam ainda a reduzir a falta de acesso à internet em determinadas regiões. Em geral, a construção e instalação da infraestrutura das redes comunitárias acontece através de um processo coletivo e a sua gestão é compartilhada pelos integrantes da comunidade, tanto dos equipamentos quanto dos conhecimentos e trabalhos.

vira a página e  
segue essa ideia!





## Quais elementos constituem uma rede comunitária?

### Pessoas e tecnologia

As redes comunitárias são compostas por uma junção de diferentes equipamentos, que variam conforme o modelo de rede adotado, como por exemplo roteadores, antenas ou transmissores. Mas sozinhos esses equipamentos formam apenas uma parte delas. A rede humana, ou seja, as pessoas envolvidas na construção da rede, e na sua manutenção, são indispensáveis. É a integração de pessoas + tecnologia que vai garantir uma rede comunitária viva e ativa.

Por trás do que pode parecer apenas cabos, roteadores, antenas, aparelhos eletrônicos e dispositivos digitais conectados, existe também a oportunidade de construir um processo coletivo, que envolve a participação de todas e todos aqueles que estiverem interessadas e interessados em colocar uma rede para funcionar e, principalmente, para sua manutenção e para um uso que melhore a vida no território.

Na prática, a construção de uma rede comunitária necessita de múltiplos conhecimentos tecnológicos e analógicos. Uma rede comunitária saudável reúne em seus nós (numa rede cada nó significa cada equipamento que faz parte desta rede) saberes diversos, histórias de vida, tecnologias comunitárias, experiências e habilidades variadas. Cada um que participa enriquece o processo, tem a oportunidade de aprender e ensinar fazendo e toda a comunidade sai fortalecida quando o processo é participativo.

No caso do Quilombo Ribirão Grande/Terra Seca, a rede foi construída num processo participativo que envolveu a SOF, o grupo de mulheres que atuam com redes comunitárias, lá de São Paulo, que ajudou nas oficinas, os moradores da região e as mulheres da RAMA. Foi desse encontro entre pessoas que somaram suas experiências e conhecimentos diversos que a rede se desenvolveu.

Para facilitar as oficinas e os momentos de troca nesse processo da forma mais coletiva e participativa possível, nos apoiamos na educação popular e no feminismo interseccional. Quer saber mais sobre isso? Segue a leitura! 

## Educação popular

A educação popular tem sido uma forte aliada no processo de construção e implementação das redes comunitárias no Brasil. Através de suas teorias e práticas ajuda a transformar essa construção em um processo participativo e transformador para todas e todos envolvidos.

Espaços como oficinas e rodas de conversa são elementos desse processo de construção que permitem trocas e partilhas de saberes e aprendizados, não apenas sobre redes, tecnologias, infraestruturas digitais, mas incluindo os temas de interesse local, como a autonomia, cuidado com a natureza, educação, comunicação, memória, tecnologias tradicionais e tantos assuntos que podem ser tão diversos quanto as realidades vividas no Brasil e no mundo. Através das metodologias baseadas na educação popular e em espaços e processos participativos, essas oficinas e rodas se tornam lugares de encontro e trocas.



## Abertura ao inesperado

Com foco no processo, tanto quanto no resultado final, a construção de uma rede comunitária participativa precisa estar aberta aos desafios e aos eventos não esperados, que só acontecem quando estamos juntos e juntas no território. Experiências que acolhem os erros, os desvios, as tentativas e tornam essas oportunidades mais um elemento enriquecedor das aprendizagens, que envolvem todo esse processo, tendem a ser experiências positivas e duradouras.



Manter a escuta e ter os planos sempre abertos aos desenvolvimentos que somente a prática nos territórios pode permitir é fundamental para processos realmente participativos. E para garantir o interesse e o envolvimento do máximo de pessoas, ainda que em diferentes níveis de engajamento, é importante que a comunidade entenda que a rede pertence a todas elas. Esses são elementos chave na continuidade das redes comunitárias, ou seja, garantem seu futuro, porque elas foram construídas fazendo sentido naquele território e para aquelas pessoas.

## Quais debates podem estar em torno da construção de uma rede comunitária?

Em países marcados por desigualdades, como o Brasil, a ausência de muitos direitos básicos é enfrentada por diversas comunidades. Entre esses direitos negados vemos também a ausência de conectividade, como a falta de acesso à internet. Esse contexto impacta de forma mais grave os direitos das mulheres, principalmente se combinadas com outras desigualdades, como de classe, raça, idade, entre outras. Por isso, é fundamental que o processo de construção de uma rede comunitária aconteça com o que podemos chamar de **interseccionalidades de acesso**. Sem um olhar cuidadoso para as **desigualdades de gênero, raça, classe**, a conectividade pode vir como **uma ferramenta que não beneficia a todos e todas da mesma forma**. No mundo das tecnologias digitais, como um todo, vemos que principalmente homens cis brancos são privilegiados e dominam muitos espaços de decisão, reforçando processos de exclusão de muitas pessoas, na sua diversidade.

## Cis e trans?

Cis e trans são abreviações dos termos cisgênero e transgênero. Ambos os termos se referem ao que conhecemos como identidade ou expressão de gênero, que quer dizer, a maneira como cada pessoa se expressa no mundo tem a ver com características socialmente associadas aos gêneros.

É importante não confundir a expressão de gênero com a orientação sexual, aqui não estamos falando de atração entre as pessoas mas de como expressam seu jeito de ser. De maneira bem resumida, pessoas que se reconhecem como cisgênero são pessoas que se identificam com seu sexo de nascimento e como o gênero determinado por aquele sexo, em geral, se expressa. Por exemplo, uma mulher que nasce com o sexo feminino, se identifica com a maneira com a qual o gênero feminino se expressa, esse é um exemplo de mulher cis e isso não tem a ver com se essa mulher tem uma orientação hetero ou homosexual.

Já o termo transgênero se refere às pessoas que não se identificam com o gênero que lhes foi designado ao nascer, podendo se identificar com o gênero oposto, por exemplo, e decidem se expressar com características do gênero com o qual se identificam. Isso não está diretamente relacionado à orientação sexual, podendo existir pessoas transgênero com orientação homo ou heterossexual. Existem homens trans e mulheres trans, assim como homens cis e mulheres cis.

A expressão de gênero não deve nunca ser motivo de preconceito, exclusão ou desrespeito e isso é coisa muito séria. Desde abril de 2016, o decreto nº 8.727 passou a reconhecer que as pessoas travestis e transexuais tenham sua identidade de gênero garantida e sejam tratadas pelo nome social em qualquer espaço que estejam.

Em caso de dúvida sobre como se referir a uma pessoa (como essa pessoa quer e se sente confortável ao ser tratada, se por “ele” ou “ela”) pergunte!

## Interseccionalidade?

Interseccionalidade é um termo criado para tratar sobre a sobreposição de sistemas de discriminação em pessoas e grupos sociais. Quando falamos de interseccionalidade, no feminismo estamos tratando de como a injustiça e a desigualdade social podem acontecer reunindo não apenas uma, mas várias condições de opressão que podem acontecer ao mesmo tempo, como um cruzamento de diversas formas de discriminação que prejudicam as mulheres ou as comunidades.

Por exemplo, todas as mulheres já sofreram com o machismo, mas as mulheres negras sofrem com o machismo e também com o racismo, já as mulheres negras homossexuais sofrem com o machismo, o racismo e a homofobia. As opressões mais comuns dentro da sociedade são o racismo, o machismo, o classismo, o capacitismo, a homofobia, a transfobia e a xenofobia.

### Você sabe o que significam as letras da sigla LGBTQIA+?

- L** Lésbicas: mulheres atraídas por mulheres, cis ou trans
- G** Gays: termo para pessoas atraídas por parceiros do mesmo sexo, mais usada para homens, cis ou trans
- B** Bissexuais: pessoas atraídas por pessoas de qualquer gênero, cis ou trans
- T** Transgênero: pessoas cuja identidade ou expressão de gênero difere do sexo biológico
- Q** Queer: quem não se vê no binômio feminino / masculino e exibe características de um, de ambos ou nenhum
- I** Intersex: pessoa com características sexuais biológicas não associadas tradicionalmente a corpos femininos ou masculinos
- A** Assexuais: pessoas que não sentem atração sexual — o que não significa que não possam desenvolver sentimentos amorosos e afetivos

## **Todos os corpos bem-vindos! Todos os corpos presentes! Porque, quanto mais múltiplo, melhor!**

Quando uma infraestrutura tecnológica é pensada para atender a realidade de uma comunidade é central o esforço constante de envolver a todas e todos, mulheres e homens, os jovens e mais velhos, pessoas diversas. Todas as vozes devem ser ouvidas. E é nisso que a perspectiva feminista interseccional acredita e defende.

### **Mas o que é uma perspectiva feminista interseccional?**

É uma proposta que busca tornar experiências, como a construção de redes comunitárias, acolhedoras para diferentes grupos e pessoas, incluindo mulheres e suas diversidades. Feminista não quer dizer feita apenas por mulheres. Então, o que significa?

Ser feminista pode ter diferentes significados. Para nós, no encontro com o mundo das tecnologias, significa uma busca permanente por relações mais equilibradas e criar espaços em que todos e todas se sintam acolhidos - independente de gênero, raça, classe, idade. Isso não quer dizer que não haverá conflitos ou tensões, mas que há um compromisso de garantir que processos sejam seguros e acolhedores para diferentes pessoas. E que conflitos e tensões que podem aparecer sejam vistos como experiências de aprendizado e caminhada coletiva.

Uma proposta feminista, seja para construção de infraestrutura tecnológica, seja para construção de mundos, busca evitar a naturalização das desigualdades, valoriza as diferenças para reunir e acolher, escutar e integrar a todas e todos também na produção de tecnologias e conhecimentos, afastando preconceitos e discriminações.

## Projetos feministas são oportunidades de quebrar o silêncio ou a invisibilidade em torno de certas normas

Ao reunir pessoas de uma comunidade em torno de sua construção, as redes comunitárias criam oportunidades de fortalecimento de agendas políticas daquele lugar. Afinal de contas, a busca por autonomia, seja alimentar ou das comunicações, passa por disputas e relações de poder.

Na prática, quando as tecnologias das redes comunitárias alcançam também mulheres e populações tradicionais, elas podem se tornar uma ferramenta importante para suas atuações na sociedade. Quanto maior o alcance desses grupos, mais articulações e mais passos importantes podem ser dados na defesa de direitos, territórios e modos diversos de viver.



## Chega de predominância masculina na tecnologia

Mesmo se tratando de redes comunitárias, a predominância masculina ainda precisa ser um ponto de atenção. Sabemos que a realidade das mulheres muitas vezes as afasta de oportunidades de contato com as tecnologias. Através das redes comunitárias, contando a participação de mais e mais mulheres em sua construção e manutenção, é possível explorarmos modelos alternativos e mais inclusivos. Com as ferramentas nas mãos e unidas, é possível romper com esse ciclo e garantir que pessoas diversas sejam reconhecidas por produzir conhecimentos e tecnologias a partir de diferentes formas de viver.

## Outras formas de viver e saber, outros modelos de desenvolvimento

As redes comunitárias carregam consigo o potencial de reconhecer, valorizar e fortalecer outras formas de viver e saber, outros modelos de desenvolvimento e que respondam a realidades e necessidades diversas. Não precisamos nos limitar aos usos e interesses impostos por aqueles que estão no poder ou de grandes empresas. Ferramentas como as redes comunitárias podem permitir atuar e permanecer atuantes nos espaços de disputas, desafiando normas e imposições que **não** nos fortalecem tanto nos espaços físicos quanto nos digitais.

**As redes comunitárias podem ser grandes aliadas nos processos de justiça social.**



### **Para refletir:**

Com a pandemia, como ficam nossos direitos? A pandemia tem ressaltado a necessidade de conexão com a internet. Num momento em que atividades essenciais, como escola e acesso ao auxílio emergencial estão dependendo do acesso aos ambientes online, as redes comunitárias com acesso à internet se mostram grandes aliadas no enfrentamento a esse enorme desafio, vivido sobretudo pelas mulheres. Elas também podem ser um caminho para manter nossas vozes presentes nos debates políticos que agora acontecem online.

## A racialidade é uma questão para todos!

Assim como lidamos com a predominância masculina, quando se trata de tecnologia no Brasil, a predominância de pessoas brancas nesses espaços também é uma realidade e traz dois importantes questionamentos:

Quanto as **pessoas brancas**, que são maioria também no campo da tecnologia no Brasil, estão **pensando o racismo** a partir do seu lugar? A partir dos privilégios que usufruem?

E, por conta disso...

Quão **coletiva** está sendo de fato a **instalação e gestão** das redes autônomas e comunitárias espalhadas pelo país?

Infelizmente, as discussões sobre raça ainda não são vistas como centrais em muitos espaços e esse silêncio sobre uma questão tão importante pode representar o eco do racismo estrutural brasileiro. Esse silêncio precisa ser rompido!

A questão da raça deve, sim, ser abordada nos processos de construção de redes comunitárias e infraestruturas digitais e tecnologias em geral, e cada vez mais aprofundada.

E se estamos falando de processos feministas, que visam a inclusão e participação de pessoas diversas, essa diversidade passa também pelos corpos brancos envolvidos nesse processo, por tanto, não se pode abrir mão de uma reflexão sobre a branquitude.

### **Você conhece ou já escutou o termo “branquitude”?**

Branquitude é um termo que foi criado com o intuito de chamar atenção para o papel das pessoas brancas em entenderem sua própria raça e o seu papel no enfrentamento ao racismo e às desigualdades raciais. Muitas pessoas brancas vivem suas vidas sem pensar, reconhecer e criticar esse lugar cheio de privilégios simbólicos e materiais que ocupam. Elas pensam que o racismo é um problema das pessoas negras e não vêem o quanto sua própria existência está sustentada por tantas desigualdades e violência. O termo branquitude, então, surge para apontar esse lugar injusto e desigual, que nossa sociedade carrega desde os períodos colonial e imperialista, chamando as pessoas brancas a assumirem sua responsabilidade no enfrentamento ao racismo a partir do seu lugar.

### **A potência dos encontros**

Trazer à tona debates sobre a branquitude em espaços coletivos, que reúnam diferentes perfis de pessoas, pode ser importante para sacudir de maneira positiva as pessoas brancas engajadas nessas ações. É muito comum que, em processos de construção de redes comunitárias, por exemplo, aconteça o encontro entre diferentes grupos sociais, como grupos ativistas do campo da tecnologia, universidades e representantes do



poder público com comunidades tradicionais, indígenas, quilombolas ou das regiões periféricas dos centros urbanos. Essa sacudida serve para que essas pessoas brancas possam compreender seu lugar e engajamento em tais processos, rompendo ideias e sentidos comuns que acabam reforçando o racismo e o preconceito, mesmo vindas daquelas e daqueles que têm a intenção de colaborar.

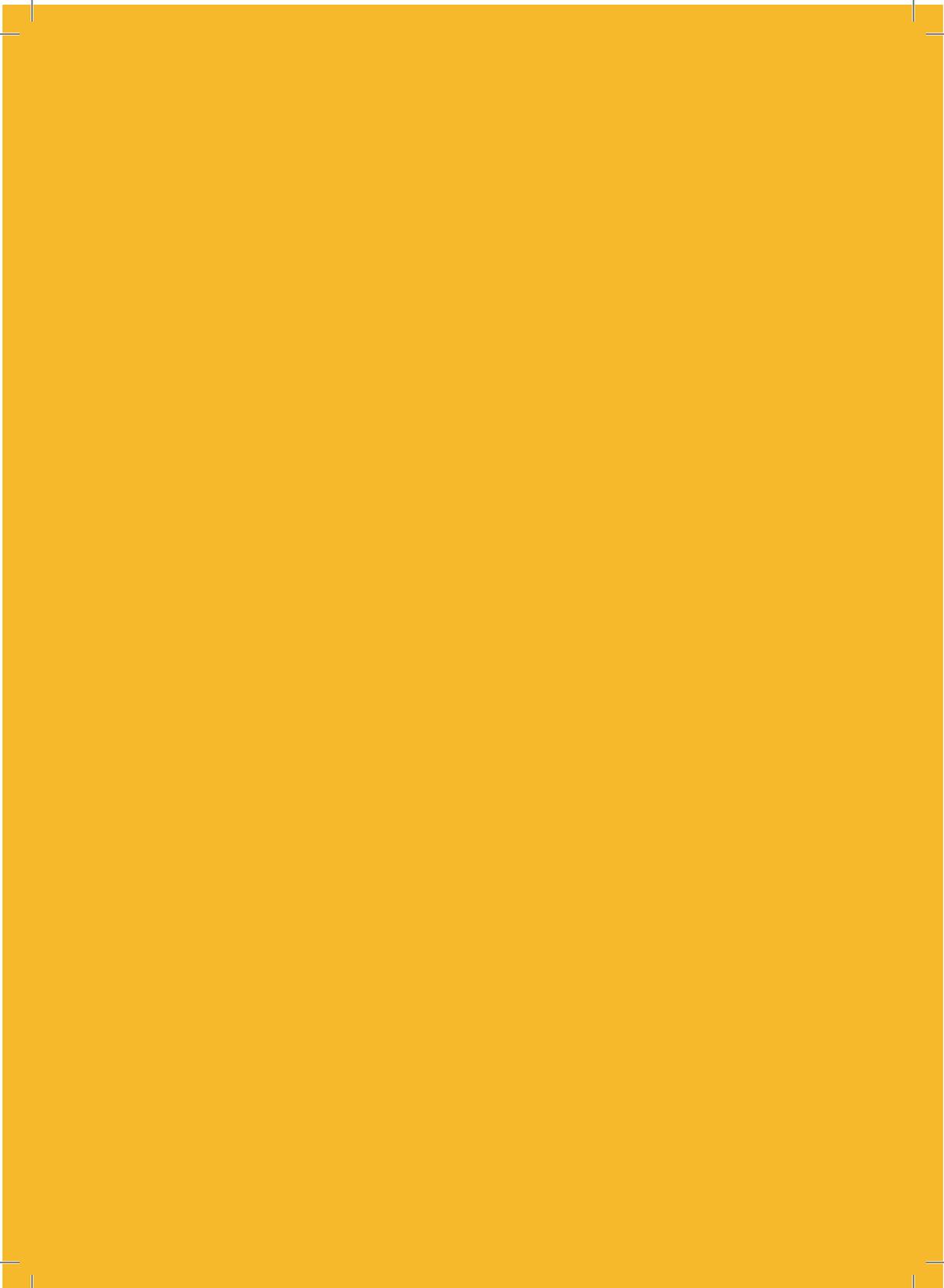
No caso da experiência da construção da rede comunitária do Quilombo Ribeirão Grande/Terra Seca, que deu origem a esse material, vimos o encontro entre a comunidade local com organizações e grupos ativistas feministas, também ligados à tecnologia e compostos em sua maioria por mulheres brancas. Desse encontro surgiram importantes reflexões sobre a necessidade de discutir a branquitude. A partir dessas reflexões, nós pensamos nossas atuações e engajamentos de forma que não continuem reproduzindo silenciamentos. E, com essa experiência, compreendemos o quanto é importante proporcionar essa reflexão e ampliar esse debate dentro do campo ativista, sobretudo voltado para a tecnologia.

### **Agradecimentos**

Redes comunitárias são a união de tecnologias digitais com saberes e atuações humanas. A educação popular e o feminismo interseccional foram importantes parceiros na construção das tecnologias que queremos. Acreditamos que a tecnologia pode ser mais uma ferramenta para o fortalecimento de lutas políticas, da conquista e da garantia de direitos, mas sozinha pode ser apenas reproduzir e reforçar opressões. Queremos construir coletivamente tecnologias que carreguem nossa vontade de construir um mundo melhor e mais justo. E que valorizem as pessoas na sua diversidade, fazendo sentido em muitas formas de viver e se relacionar.

Isso tudo não teria sido possível sem o envolvimento das mulheres da RAMA, da SOF e das oficinas do projeto FIRN (do inglês, Rede de Pesquisa em internet Feminista), da APC. Queremos agradecer a todas e todos que se envolveram nesse processo conosco, indo nas oficinas e participando, ajudando a construir a rede tanto na mão na massa quanto em compartilhar ideias e sonhos. Agradecemos fundamentalmente todas as pessoas que nos ajudaram cozinhando refeições maravilhosas, subindo e descendo os morros com a gente, abrindo suas casas para nós, cuidando das crianças para que as pessoas interessadas pudessem participar e mantendo um espaço limpo e agradável para nossos encontros. Aprendemos muito com vocês, agricultoras e agricultores, vendo e ouvindo sobre o amor de vocês à terra e as suas raízes e sentimos muito orgulho de termos sido recebidas por vocês para realizar este projeto! Muito obrigada.

Esse material é um curto apanhado sobre as reflexões feitas entre 2019 e 2021 por um grupo composto exclusivamente por mulheres, que se propôs a montar uma rede comunitária no quilombo Ribeirão Grande/Terra Seca, enquanto conduzia um processo participativo de pesquisa sobre tecnologias da informação e comunicação, mais especificamente redes comunitárias, sob a lente feminista interseccional. Com a pandemia de COVID-19 e a impossibilidade de voltar várias vezes ao território para dividir nossos pensamentos justamente no fechamento do processo de pesquisa, reunimos neste zine nossas principais reflexões para poder compartilhar elas de alguma forma. Ao caminhar com a SOF, a RAMA e o quilombo Ribeirão Grande/Terra Seca, pudemos aprender e repensar tecnologias a partir da inclusão das mulheres, do enfrentamento ao racismo, inclusive por pessoas brancas, e de moldar as tecnologias para atender as vontades e necessidades locais. O zine se tornou uma ferramenta para retornar à comunidade em tempos de isolamento social. Uma versão preliminar dele foi apresentada e revisada junto com moradores do quilombo Ribeirão Grande/Terra Seca em julho de 2021, e suas contribuições foram incorporadas.



Este material foi desenvolvido como parte do projeto de pesquisa-ação “Action-research on Feminist Autonomous Networks” no escopo da Feminist Internet Research Network (FIRN), um projeto de pesquisa multidisciplinar e colaborativo liderado pela Association for Progressive Communications (APC), e financiado pelo International Development Research Centre (IDRC).

O projeto foi coordenado por Bruna Zanolli e Débora Prado e contou com a colaboração de um grupo de trabalho integrado ainda por Carla Jancz, Daiane Araujo dos Santos, Gláucia Marques e Natália Santos Lobo.

Com um agradecimento especial aos moradores dos quilombos de Barra do Turvo e às mulheres e parceiras da Sempreviva Organização Feminista (SOF), da Rede Agroecológica de Mulheres Agricultoras (RAMA) e da MariaLab.

A produção deste zine foi realizada com base em informações do projeto de pesquisa-ação e contou com a colaboração de Violeta Cunha para adaptação de textos e produção e de Helena Zelic para identidade visual e diagramação.

As visões expressadas no documento e projeto não necessariamente refletem as do IDRC.

Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional.



Parcerias:



VEDETAS

Apoio:



Canada